ORGANIZADORES
Giovane Fernandes Oliveira
Fábio Aresi

O UNIVERSO BENVENISTIANO

enunciação, sociedade, semiologia

pimenta cultural

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas	Marcelo Eyng
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Ligia Andrade Machado
Imagens da capa	Starline, Kjpargeter, Your_Photo, Tj-Rabbit - Freepik.
Editora executiva	Patricia Bieging
Assistente editorial	Peter Valmorbida
Revisão	Os organizadores
Organizadores	Giovane Fernandes Oliveira Fábio Aresi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O115 O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia. Giovane Fernandes Oliveira, Fábio Aresi - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 424p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-028-1 (eBook)

1. Linguagem. 2. Teoria. 3. Enunciação. 4.Linguística. 5. Signos. 6. Narrativa. I. Oliveira, Giovane Fernandes. II. Aresi, Fábio. III. Título.

CDU: 81.1
CDD: 400

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.281

PIMENTA CULTURAL
São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2020

6

Carolina Knack

DE BENVENISTE ÀS PESQUISAS PROSPECTIVAS: A NOÇÃO DE *DESLOCAMENTO* E SEU VALOR TEÓRICO-METODOLÓGICO

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.281.141-163

> Cada leitor tem que achar sua forma de estar em/com Benveniste. Há várias vias de acesso: algumas já bastante trilhadas; outras menos óbvias. Há provavelmente outras tantas que estão por ser descobertas.
>
> Marlene Teixeira (2012a, p. 442)

INTRODUÇÃO, OU DO PONTO DE PARTIDA

Encontrar um itinerário próprio para ler Benveniste é uma tarefa que se impõe aos que se dedicam a estudar a obra do linguista na atualidade. É disso que está a falar Teixeira (2012) no trecho reproduzido em epígrafe: *cada leitor tem que achar sua forma de estar em/com Benveniste.* Na busca por essa *forma singular*, há que se definir um modo de entrada no *universo benvenistiano:* são as *vias de acesso* de que fala Teixeira.

Essa exigência, derivada de fatores diversos, como a amplitude da obra benvenistiana e a multiplicidade de interesses do linguista, foi também registrada por outros autores: Ono (2007), em estudo que investiga a noção de *enunciação* no construto de Benveniste, remete-nos à necessidade de estabelecer um recorte no conjunto de textos do autor e a um modo de ler tais textos; Normand (2009a) nos adverte de que a própria seleção de textos é constitutiva do ato de leitura; Flores (2013b), por sua vez, dá *corpo metodológico* a essas observações ao formular a noção de *corpus textual de pesquisa* – a ser constituído com base em objetivos específicos formulados pelo pesquisador – e ao demarcar um *princípio epistemológico geral de leitura*, o qual consiste em considerar a reflexão benvenistiana como uma rede de termos, conceitos e noções que estão relacionados entre si, rede que será (re) tramada pelo leitor.

Como se pode perceber, essas diretrizes metodológicas evidenciam como o pesquisador está *implicado* em seu percurso de leitura – e não poderia ser diferente. Seu protagonismo pode ser visualizado em diferentes instâncias. Por exemplo, em estudos intrateóricos, com a proposição de interpretações para termos e noções que não são explicitamente definidos por Benveniste e cujos sentidos podem ser depreendidos de um exercício interpretativo dos textos. Um exemplo desse tipo de percurso pode ser ilustrado com a expressão *formas complexas do discurso*, presente ao final do artigo *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 2006, p. 90, grifos nossos): "Amplas perspectivas se abrem para a análise das *formas complexas do discurso,* a partir do quadro formal esboçado aqui". Mas em que consistem essas *formas complexas do discurso*? Como Benveniste não utiliza tal expressão em nenhum de seus artigos e tampouco a define neste, é preciso construir uma hipótese de leitura. Flores e Teixeira (2013) relacionam, por exemplo, *formas complexas do discurso* com *complexas formas de expressão*, esta última presente em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (BENVENISTE, 2005), e com o final (também programático) de *Semiologia da língua* (BENVENISTE, 2006). Em trabalhos intrateóricos, que buscam esclarecer termos e noções, produzindo "uma espécie de hermenêutica da teoria" (FLORES, 2017b, p. 77), a proposição de caminhos interpretativos revela a singularidade da leitura empreendida.

Tal singularidade é também evidente em estudos teóricos e teórico-analíticos. No primeiro caso, além da necessidade de proposição de "caminhos interpretativos" a partir dos textos de Benveniste, há a apresentação de suposições inferenciais e projeções com propostas de reinterpretação em vista de um "alargamento" do quadro teórico do linguista. No segundo caso, acrescenta-se a isso a proposição de análises de fatos de linguagem, que demandam ainda a construção de um método para operacionalizá-las. Valendo-nos

novamente da expressão *formas complexas do discurso*, tomemos o exemplo do trabalho de Nunes e Flores (2012), o qual, além de construir uma hipótese de leitura para interpretá-la, propõe deslocá-la para outro contexto: os pesquisadores relacionam *formas complexas do discurso* à *enunciação escrita*, teorizando a respeito dessa interpretação, e, em seguida, deslocam-na para o ensino de escrita na Universidade, contexto no qual analisam produções textuais (resumos) de alunos de pós-graduação matriculados na oficina de Língua Portuguesa do Programa de Apoio à Graduação (PAG) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ao apontar essas possibilidades, nosso propósito não é o de inventariar modos de empreender pesquisas, mas nelas evidenciar o protagonismo do leitor-pesquisador, protagonismo este facultado pelas próprias características dos textos de Benveniste. Basta que olhemos para o modo como o linguista finaliza os dois artigos clássicos aos quais antes nos referimos – *Semiologia da língua* e *O aparelho formal da enunciação* – para percebermos que neles há uma espécie de convite para irmos além do ponto ao qual ele mesmo chegou. Esse *convite a ir além* é uma abertura à inventividade do leitor-pesquisador, o que parece ser uma das razões que leva Flores (2005, p. 135) a declarar seu apreço pelo linguista: "[...] gosto de Benveniste porque posso derivar de seu raciocínio questões fundamentais para os meus próprios objetivos". Por isso, a necessidade de buscar uma *via própria de leitura* se impõe.

É justamente o modo de ler Benveniste que parece estar no centro da caracterização da recepção do pensamento do autor no Brasil. Flores (2017b) considera que tal recepção pode ser compreendida em dois momentos, nomeados por ele de *primeira recepção* e *segunda recepção.* A *primeira* ocorreu de 1960 à metade de 1990; é caracterizada pelo autor como parcial e fragmentada, em vista do modo como Benveniste foi lido à época: por intermédio de

textos de terceiros, mediado por outras perspectivas de estudos da linguagem que se valeram de seu aparato metodológico sem incorporar os fundamentos a ele subjacentes. Já a *segunda* iniciou-se na metade final dos anos 1990 e perdura até hoje; é caracterizada pela busca em ler os próprios textos de Benveniste e obras que os comentam e os interpretam, pelo estudo de diferentes aspectos da reflexão do autor – não apenas daqueles relativos à enunciação – e pelo interesse de áreas conexas à linguística (como filosofia, antropologia) por Benveniste. Esses três indícios, para Flores (2017b, p. 74, grifos do autor), revelam um elemento em comum: "[...] *a preocupação em ler Benveniste*".

Essa atual *recepção* do pensamento de Benveniste no Brasil pode fomentar, por um lado, estudos de natureza *retrospectiva* e, por outro lado, estudos de natureza *prospectiva*. Reconhecendo a pertinência daqueles, Flores (2017b) nos convoca a pensar sobre estes: "Ora, a *recepção* de um pensamento não implicaria avaliar as potencialidades que ele tem de dar horizontes ao campo do qual ele mesmo se origina?". Ainda, "A *recepção* da teoria não implicaria produzir um saber prospectivo?" (FLORES, 2017b, p. 31, grifo do autor)[37].

Provocativas, as perguntas nos conduzem a analisar em que medida temos lido e relido Benveniste de modo a trazer à tona a potência de seu pensamento, descortinando horizontes promissores (ONO, 2007). Nessa introspecção questionadora, somos levados a uma outra noção abordada por Flores (2017b) com base em Derrida, a de *herança* e, consequentemente, a de *herdeiro*. Este carrega uma dupla exigência: a do *saber* e a do *saber reafirmar* um legado. É, pois, na escolha da *reafirmação* de uma herança que a prospecção de um saber encontra seu esteio, já que sua reinterpretação "[...] é a condição

37 Essas perguntas, extraídas da obra em que Flores (2017b) avalia a recepção tanto de Saussure quanto de Benveniste no Brasil, são formuladas na parte em que o pesquisador se dedica a Saussure. No entanto, pensamos que podem ser também aplicadas a Benveniste.

para lhe dar um lugar na atualidade" (FLORES, 2017b, p. 34). Eis aí o protagonismo do leitor-pesquisador.

Podemos afirmar, portanto, que a escolha por uma *via própria de leitura* materializa *uma forma singular de estar em/com Benveniste*, o que pode resultar na "prospecção de um saber", em "um olhar para a frente" que tenha "potencial de inovação" (FLORES, 2017b, p. 32). Parece ser nessa linha que seguem muitas das pesquisas contemporâneas que buscam *deslocar* fundamentos da teorização benvenistiana para propor o exame de fenômenos ou aspectos não abordados por Benveniste, tais como o *ensino-aprendizagem de língua materna* com foco na relação entre *leitura e produção textual* (CREMONESE, 2014) e entre *escrita e reescrita* (JUCHEM, 2012), o *ensino-aprendizagem de língua adicional* (MACHADO, 2013; FARIAS, 2014), o *estudo do texto* (KNACK, 2012; SILVA, 2018), apenas para citar alguns poucos exemplos.

A breve incursão por tais pesquisas revela que, das bases do pensamento de Émile Benveniste aos estudos prospectivos propostos, há um empreendimento singular de ressignificação dos fundamentos benvenistianos sob a responsabilidade do leitor-pesquisador. Esse movimento de ressignificação frequentemente vem sinalizado pelo termo *deslocamento*, que parece desempenhar um importante papel em tais pesquisas, recobrindo-se de valor teórico-metodológico (KNACK, 2018). Essa hipótese foi por nós aventada como "ponto de chegada" quando, aos discutirmos os desdobramentos da relação entre língua e sociedade a partir do artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (BENVENISTE, 2006), questionamo-nos a respeito das implicações de assumir uma concepção de língua como prática humana, considerando-a como um ponto de ancoragem para formular

caminhos teórico-metodológicos e com ela transitar para a abordagem de problemáticas ligadas às práticas sociais[38].

Desse contexto, retomamos a hipótese de que o *deslocamento* apresenta *valor teórico-metodológico* em pesquisas prospectivas para explorá-la no presente texto. Esse é nosso objetivo. Ao especialista no campo, esse percurso pode repisar obviedades; porém, em tempos de renovação de leituras de Émile Benveniste e de discussão sobre o amplo alcance de suas reflexões, pode ser útil, como ele mesmo nos ensina, "[...] pedir à evidência que se justifique [...]" (BENVENISTE, 2005, p. 284).

Para alcançar o objetivo descrito, primeiro, buscamos reunir elementos para situar uma noção de *deslocamento*, o que fazemos a partir do exame de duas teses de doutorado que propõem deslocar o construto enunciativo para a aquisição da linguagem (SILVA, 2007; 2009) e para a leitura (NAUJORKS, 2011). A partir dos exemplos, discutimos o estatuto da noção em pesquisas consideradas prospectivas.

UMA FORMA DE ESTAR EM/COM BENVENISTE: A FORMULAÇÃO DE DESLOCAMENTOS

Tratar de *deslocamentos* requer tratar de uma *relação inventiva* que se instaura entre a obra e o leitor. Mas essa relação só se viabiliza se nos posicionarmos, junto com Barthes (2012, p. 27), contra a

38 "Essa questão mostra um caminho aberto para trilharmos, um caminho que revela que a busca por 'transitar com Benveniste para o âmbito do discurso socialmente situado' (cf. Teixeira, 2012, p. 62) exige a noção de *deslocamento teórico-metodológico*, a qual denuncia o protagonismo do pesquisador, na medida em que é este quem se responsabiliza pelo ato enunciativo que ressignifica o dizer de base do teórico de referência e a partir do qual deriva elementos para não só empreender estudos descritivos e explicativos da língua-discurso sob o prisma de seu funcionamento enunciativo, mas também 'produzir conhecimento sobre o homem', pois o que se sabe sobre a linguagem é indissociável daquilo que se sabe sobre o homem, como defende Dessons (2006)" (KNACK, 2018, p. 403, grifos da autora).

ideia de que "[...] o autor é considerado o proprietário eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufrutuários [...]". Nós, leitores de Benveniste, sabemos bem que não somos *simples usufrutuários* de seus textos. Se assim fôssemos, estaríamos sempre às voltas de "[...] estabelecer *o que o autor quis dizer,* e de modo algum *o que o leitor entende*" (BARTHES, 2012, p. 28, grifos do autor). Ora, falar de *deslocamentos* implica justamente falar daquilo que *o leitor entende*, ou melhor, daquilo que *o leitor formula a partir do que entende*; falar de deslocamentos implica falar, sobretudo, de *efeitos de leitura*.

A respeito de efeitos de leitura, é inevitável lembrar o belo texto de Claudine Normand, intitulado *Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica* (2009b). O estudo, conforme a própria linguista, não apresenta uma reflexão sobre um possível método de análise a partir de Saussure, mas mostra a relação entre o que ela escreveu sobre o mestre – caminho no qual encontra Benveniste – e as descrições semânticas publicadas por ela, ou seja, mostra *efeitos* que, em certa medida, ambos os autores produziram sobre ela, o que resultou em seu modo absolutamente singular de *ver* a linguagem e de explicar fenômenos linguísticos. Com esse texto, Normand demonstra que, quando somos *tocados* por algo, há também algo que se produz a partir do *efeito* desse *toque*.

É nesse ponto que pensamos poder situar os *deslocamentos*. O que é um deslocamento senão aquilo que se produz a partir do efeito de uma leitura? O *deslocamento*, *formulado a partir daquilo que o leitor entende,* envolve não a *aplicação* de noções teóricas para a descrição de um fenômeno, mas sim a *produção de um novo saber teórico e/ou metodológico* para explicar um fenômeno.

A fim de refletir com mais concretude a respeito de tal termo e de sua noção, julgamos relevante investigar o modo como o termo tem comparecido em pesquisas vinculadas a Émile Benveniste. Frente à variedade de exemplos, estabelecemos três critérios para selecionar

dois estudos: (i) eles deveriam ser de mesma natureza e de mesmo gênero discursivo; (ii) apresentar um mesmo elemento da teorização benvenistiana como um de seus objetos de deslocamento; mas, evidentemente, (iii) deslocá-lo de modos distintos.

Duas pesquisas foram, então, escolhidas: a tese de doutorado de Silva (2007, 2009)[39], que inaugura uma abordagem enunciativa da aquisição da linguagem pela criança; e a tese de doutorado de Naujorks (2011), que, por sua vez, propõe uma abordagem enunciativa da leitura. Ambas (i) são teses teórico-analíticas; (ii) deslocam, dentre outras noções benvenistianas, uma em comum – a de *enunciação*; porém, (iii) diferem quanto ao modo de deslocá-la, proporcionando-nos visualizar a singularidade de cada percurso interpretativo.

A fim de dar visibilidade a essa singularidade, optamos por apresentar vieses distintos dos deslocamentos operados pelas autoras: da pesquisa de Naujorks (2011), destacamos um deslocamento com implicações teóricas; da pesquisa de Silva (2009), um deslocamento com implicações metodológicas[40].

Consideramos que essas pesquisas, ao revelarem o modo como cada leitora-pesquisadora produz *deslocamentos* da teorização benvenistiana, permitem-nos não só reunir elementos para situar uma noção para o termo como também para problematizar o seu estatuto.

39 A tese de Carmem Luci da Costa Silva, intitulada *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*, data de 2007; porém, para fins de citação neste trabalho, será utilizada a versão publicada em livro, em 2009, sob o título *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*.

40 De antemão, cabe destacar que, em ambas as pesquisas, há deslocamentos tanto teóricos quanto metodológicos, os dois produzindo *implicações* para a abordagem dos fenômenos. Porém, para fins de nossa pesquisa, buscamos enfatizar vieses distintos dessas *implicações*. A despeito da cronologia relativa à publicação das teses – Silva (2007; 2009) e Naujorks (2011) –, apresentaremos, primeiro, o exemplo de deslocamento a partir do qual destacamos *implicações teóricas* (NAUJORKS, 2011) e, em seguida, o exemplo a partir do qual destacamos *implicações metodológicas* (SILVA, 2007; 2009), às quais, evidentemente, subjazem implicações teóricas.

Da noção de *enunciação* à noção de *leitura*: deslocamentos para a definição de leitura como ato/processo enunciativo

Apresentar a leitura como uma modalidade de enunciação é o objetivo geral da tese de Jane da Costa Naujorks, intitulada *Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem.* A autora afirma que, para isso, é preciso, primeiro, resgatar dos estudos de Émile Benveniste "[...] alguns dos principais conceitos que permeiam sua teoria, reconhecendo uma interdependência entre eles, para, a partir daí, compreender como *a leitura, mesmo não explicitamente prevista em seus estudos, pode ser vista como uma modalidade de enunciação*" (NAUJORKS, 2011, p. 14, grifos nossos). Com esse apontamento inicial, a autora deixa claro que Benveniste não se dedica a refletir sobre o tema da leitura, de tal modo que as ressignificações para produzir tanto um percurso teórico quanto um percurso metodológico para uma análise enunciativa da leitura[41] são de sua própria responsabilidade.

É no segundo capítulo de sua tese que as noções básicas da teorização enunciativa benvenistiana são sistematizadas, como *intersubjetividade* e *subjetividade*, categorias de *pessoa, tempo* e *espaço, forma* e *sentido, semiótico* e *semântico*. Há uma subseção específica para tratar da noção de *enunciação*. Evidentemente, é central para a proposta da autora discutir o estatuto da enunciação em Benveniste. O percurso interpretativo da subseção, em que recebe destaque o artigo *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 2006), leva Naujorks (2011, p. 82) a concluir que "É preciso, pois, compreender enunciação como ato individual de utilização e como processo de apropriação da língua".

41 Após o percurso teórico, Naujorks (2011) propõe um percurso metodológico para analisar, enunciativamente, textos produzidos por candidatos do Concurso Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 2011 (CV/UFRGS/2011).

Esse conceito benvenistiano, e outros tantos, precisam ser ressignificados pela autora para que possam ser direcionados para o fenômeno da leitura. É, de fato, este o propósito do terceiro capítulo de sua tese, capítulo organizado a partir da seguinte pergunta: "Enfim, *que deslocamentos devemos operar na teoria enunciativa de Benveniste*, tal como a apresentamos no capítulo anterior, *para produzirmos uma perspectiva de análise do ato/processo de leitura*?" (NAUJORKS, 2011, p. 88, grifos nossos).

A proposição de respostas a essa questão é o que move a elaboração de quatro deslocamentos, assim nomeados pela autora: "Primeiro deslocamento: a passagem de locutor a sujeito na leitura" (p. 89); "Segundo deslocamento: a intersubjetividade/ subjetividade na leitura" (p. 91); "Terceiro deslocamento: a relação entre a forma e o sentido na leitura" (p. 97); "Quarto deslocamento: a enunciação e a leitura" (p. 102).

É o quarto deslocamento teórico produzido a partir da noção de *enunciação* que buscamos destacar. A dupla concepção da enunciação – como ato e como processo – é deslocada pela autora em direção à leitura: "Falamos em ato/processo de leitura com base em Benveniste, que, em 'O aparelho', define a enunciação simultaneamente como *ato* e como *grande processo*" (NAUJORKS, 2011, p. 103, grifos da autora). Assim, a leitura, conforme a autora, é concebida como uma modalidade de enunciação; é, simultaneamente, um ato e um processo enunciativo por meio do qual o locutor-leitor passa, via relação interlocutiva com o texto/enunciado, a sujeito-leitor.

Embora seja neste quarto deslocamento que a autora sistematize a passagem da noção de *enunciação* à noção de *leitura* como ato de enunciar, ao longo dos deslocamentos anteriores, a rede de conceitos já foi sendo alinhavada para demarcar que a leitura é tanto apropriação quanto atualização de sentidos: "[...] há um enunciado que, construído previamente por um locutor anterior, ao ser tomado pelo locutor leitor,

se atualiza a partir de suas referências. Na leitura surge sempre um significado novo, que resulta da relação de um locutor e de um interlocutor" (NAUJORKS, 2011, p. 94). O caminho teórico proposto pela autora, que culmina nos deslocamentos por ela formulados, permite-lhe fundamentar a tese de que ler é enunciar.

Da enunciação como instância teórica à enunciação como instância metodológica: deslocamentos para a análise dos dados em aquisição da linguagem

Propor uma abordagem enunciativa para a aquisição da linguagem é o objetivo da pesquisa de doutorado de Silva (2009). A autora, na introdução ao seu estudo, anuncia que seu desafio é, de um lado, inserir no campo *Aquisição da Linguagem* um olhar enunciativo para a fala da criança e, de outro lado, inserir a aquisição da linguagem como objeto de estudo no campo da *Enunciação*. Para tanto, a pesquisadora elabora um construto teórico-metodológico que, segundo destaca, é *inspirado* no trabalho de Émile Benveniste.

Essa *inspiração* deriva do fato de o linguista não apresentar um modelo teórico-metodológico "pré-existente" e "acabado" – o qual poderia ser supostamente "aplicado" aos dados –, mas princípios que norteiam uma concepção enunciativa de linguagem. Quanto a esses princípios, a autora alerta que tampouco eles podem ser "aplicados" diretamente aos dados da criança, pois, ainda que a aquisição seja *tema* da reflexão de Benveniste – comparecendo em diferentes textos para ilustrar algum aspecto por ele discutido –, não é seu *objeto* de investigação.

Especificamente, é isto que propõe a pesquisadora: inscrever a aquisição da linguagem como *objeto* de estudo no quadro da Linguística da Enunciação. Desvela-se, nesse objetivo, a posição

inventiva de Silva (2009, p. 18, grifo nosso): "E aí *ousamos produzir princípios* para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem para, a partir de tais princípios, analisar a fala da criança". E essa *produção de princípios*, desenvolvida nos capítulos 5 e 6 de sua tese, dá-se a partir de *deslocamentos*: "[...] *propomos*, nos diferentes itens [dos capítulos], *deslocamentos* dos aspectos envolvidos no ato de enunciação para o de aquisição da linguagem" (SILVA, 2009, p. 133, grifos nossos).

Tais deslocamentos, primeiramente de ordem teórica, possibilitam à autora formular um dispositivo enunciativo que recebe a seguinte notação: *(eu-tu/ele)-ELE*. Esse dispositivo, de acordo com a autora, congrega as relações enunciativas constitutivas do próprio ato de enunciação e, por conseguinte, do ato de aquisição de linguagem: o locutor (*eu*) instancia-se como tal ao postular um alocutário (*tu*) para produzir referências (*ele*, lugar simbólico da língua) sob os efeitos da cultura (*ELE*). As relações constitutivas desse dispositivo são diádicas (*eu-tu, eu/tu, (eu-tu)/ele*) e trinitárias (*eu-tu/ele* e *(eu-tu/ele)-ELE*)[42], cada uma delas apresentando características que geram reflexões específicas quanto à aquisição de linguagem.

Valendo-se desse dispositivo, Silva (2009, p. 133, grifo nosso) dedica-se a "[...] *construir* uma metodologia enunciativa para tratar a aquisição da linguagem [...]". Nessa passagem da teorização para a metodologia, salientamos um dos deslocamentos propostos pela autora, o qual é necessário para fazer operar o dispositivo formulado

42 Embora não seja nosso propósito recuperar, em detalhes, o percurso reflexivo de Silva (2009) para gerar tal ferramenta teórica, cabe referir que tanto a discussão proposta por Dufour (cf. *Os mistérios da trindade.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000) acerca do trabalho de Benveniste quanto a de Flores (cf. *Linguística e Psicanálise*: princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999) também são deslocadas pela autora para o contexto da aquisição de linguagem e contribuem para a formulação do dispositivo enunciativo no que se refere às relações diádicas – a conjunção *eu-tu,* a disjunção *eu/tu* e a distinção entre pessoa (*eu-tu*) e não pessoa (*ele*) – e trinitárias – constituídas a partir de duas alteridades, a com o *tu* e a com o *ELE*. No capítulo 6 de sua tese, Silva (2009) apresenta o modo como lê as reflexões de Dufour e de Flores e como as desloca para o contexto aquisicional.

por ela: trata-se da consideração da *enunciação como instância metodológica definidora da análise dos dados.* Segundo a autora, as interlocuções da criança com o(s) outros(s) constituem um conjunto de fatos de linguagem que será examinado via recortes enunciativos: "Tais recortes são descritos a partir de dois planos simultâneos: o da enunciação como ato e o da enunciação como atualização da língua em discurso" (SILVA, 2009, p. 225).

A noção de *enunciação*, antes instância teórica constitutiva da elaboração do dispositivo *(eu-tu/ele)-ELE*, passa a ser instância metodológica, pois operacionaliza a análise, nesta comparecendo de dois modos: como *ato* e como *discurso*. Como *ato*, são as relações diádicas e trinitárias dele constitutivas que estão em foco, de modo a mostrar como ocorre a instanciação da intersubjetividade na linguagem pela conversão da língua em discurso. Como *discurso*, são as formas e os mecanismos agenciados para produzir sentido que estão em foco, de modo a mostrar como se dá a instauração de referência pelo locutor e de correferência pelo alocutário.

Silva (2009) considera que, nesse tratamento da enunciação como *ato* e como *discurso*, é possível visualizar como o sentido se forma em palavras, o que permite traçar uma "trajetória de semantização" pela qual se pode atestar os movimentos de entrada da criança no semiótico, a língua como sistema de signos.

Dos exemplos à noção de *deslocamento* e seu estatuto em pesquisas prospectivas

Ao percorrermos diferentes estudos prospectivos que requerem pertença ao campo da linguística benvenistiana, constatamos que neles há um e*mpreendimento singular de ressignificação dos princípios benvenistianos sob a responsabilidade do leitor-pesquisador*, fato que,

em muitos desses estudos, vem assinalado pelo termo *deslocamento*. O exame mais detalhado das pesquisas de Naujorks (2011) e Silva (2009) reafirma essa percepção. *Deslocar* um aspecto, uma noção, um termo, um método implica um empreendimento singular de ressignificação teórica sob a responsabilidade do leitor-pesquisador para, na relação entre teoria e fenômeno, produzir um novo saber.

A síntese por nós feita nas subseções anteriores demonstra que uma mesma noção benvenistiana, a de *enunciação*, foi lida singularmente por cada pesquisadora e deslocada de modo distinto em direção a seus objetos de estudo, e isso só se torna possível porque, como já frisamos (cf. Introdução), os próprios textos de Benveniste nos conferem certa liberdade para sua interpretação, além, evidentemente, de não haver a proposição, pelo linguista, de um único e acabado "modelo" de análise enunciativa[43].

Assim, da tese de Naujorks (2011), salientamos o deslocamento da noção de *enunciação* e suas implicações teóricas para a proposição de uma concepção de leitura como ato de enunciar; da tese de Silva (2009), salientamos o deslocamento da noção de *enunciação* e suas implicações, primeiro teóricas, para a constituição do dispositivo *(eu-tu/ele)-ELE* e, em seguida, metodológicas, para a operacionalização de tal dispositivo pela proposição de dois planos descritivos – enunciação como ato e enunciação como discurso – a fim de analisar a fala da criança.

Evidentemente, a discussão desses e dos demais deslocamentos propostos pelas autoras não se esgota aqui. Por

43 Flores (2013b, p. 29) esmiúça essa constatação: "[...] não há a proposição explícita de um modelo a partir do qual Benveniste teria feito todas as suas análises. A consequência disso é que os textos nos quais Benveniste estuda a enunciação não podem ser tomados como se constituíssem um conjunto coeso de proposições teórico-metodológicas. Ao contrário, cada texto de Benveniste propõe categorias de análise, teoriza sobre elas e desenvolve as análises dentro desse limite. Cada texto encerra, em si, maneiras específicas de analisar as língua, a língua e a linguagem."

ora, nos satisfazemos em dar a ver o modo como cada uma delas estabelece a sua *via própria* de leitura, o que lhes permite desvelar a potencialidade das teorizações de Benveniste e, assim, prospectar novos horizontes de estudo tanto para os fenômenos por elas selecionados quanto para a própria linguística benvenistiana. Assumindo uma *herança*, a escolha do herdeiro, para fazê-la frutificar, só pode ser a da reinterpretação. E reinterpretar implica a relação *inventiva* que se instaura entre a obra e o leitor – não o leitor usufrutuário (BARTHES, 2012), mas aquele que lê nas entrelinhas as indicações programáticas, como nos lembra Flores (2013a); aquele que desvela os implícitos onde tudo parece estar claro, como nos desafia Barthes (2012b); aquele que encontra sua forma de estar em/com Benveniste, como nos inspira Teixeira (2012a).

Sem dúvida, uma dessas *formas de estar em/com Benveniste* consiste na formulação de *deslocamentos*. A respeito da formulação destes, as pesquisas analisadas apresentam, de modo global, percursos similares. Ambas as pesquisas:

a. sinalizam que Benveniste apresenta não um "modelo teórico-metodológico" acabado, mas princípios que fundamentam sua visada sobre a linguagem;

b. indicam a necessidade de recuperar dos estudos de Benveniste os conceitos que dão forma a esses princípios, sistematizando-os;

c. esclarecem que a proposta que será elaborada não está explicitamente prevista nos estudos de Benveniste, mas neles inscrita em potencial;

d. esclarecem que devem ser operados deslocamentos em relação aos princípios identificados para que seja construída uma perspectiva própria de abordagem do fenômeno eleito para investigação;

e. propõem um construto teórico-metodológico próprio, a partir de variados deslocamentos, a fim de abordar o fenômeno eleito para investigação;

f. constituem um novo saber acerca do fenômeno estudado, visto ser este abordado sob um ponto de vista ainda não explorado.

Esses apontamentos demonstram a preocupação das pesquisadoras em sinalizar ao seu leitor o necessário redimensionamento da reflexão benvenistiana a ser empreendido com base em seus interesses particulares de pesquisa. Essas constatações deixam transparecer, portanto, um rigor metodológico, o qual comparece não só nos dois estudos examinados, mas em todos os trabalhos que atentam para os *termos* da relação entre a obra e o leitor-pesquisador, preocupação que deriva da consciência de que, "[...] entre afirmar a existência de termos, noções e conceitos em um autor e depreender algo da leitura que se faz de sua obra há uma diferença de natureza epistemológica" (FLORES, 2013a, p. 97).

A demarcação dessa *diferença de natureza epistemológica* resulta, obviamente, do conjunto das observações listadas anteriormente. Porém, não parece o termo *deslocamento* reuni-las? Amplamente empregado pelas autoras, o termo demarca a diferença entre aquilo que está inscrito na própria obra e aquilo que é dela derivado pelo leitor-pesquisador, em outras palavras, demarca o modo como o saber é constituído. Se assim o compreendemos, o termo *deslocamento* assume um *estatuto epistemológico*.

No entanto, cumpre registrar que nem sempre o termo se faz presente textualmente, embora a diferença de natureza epistemológica a que nos referimos esteja, de fato, minuciosamente explicada, como é o caso do estudo de Flores (2013a): o autor esclarece que toma como *base* o pensamento benvenistiano a fim de *formular uma perspectiva própria* de análise da linguagem que considere uma noção de *sujeito da enunciação* como uma singularidade que advém da sintaxe da

enunciação. Para isso, segundo Flores (2013a, p. 96), é necessário "[...] produzir uma reflexão que, embora não oposta à formulação teórica de Benveniste, não pode ser, *pari passu*, identificada a ela".

Flores (2013a) também se preocupa em sinalizar ao seu leitor a *maneira* como formulará sua proposta:

> O leitor verá, então, que este texto se constrói na simultaneidade de dois movimentos: de um lado, busca identificar em Benveniste princípios que, mesmo não admitidos pelo autor, autorizariam falar em *sujeito* (ao qual, creio, se poderá acrescentar o restritivo *da enunciação*); de outro lado, busca reinterpretá-los, estendendo-os a uma outra perspectiva de análise do fatos de língua, a da *sintaxe da enunciação*. (FLORES, 2013a, p.98, grifos do autor).

Esses dois movimentos descritos pelo autor – a busca por identificar princípios e por reinterpretá-los – alinham-se às constatações listadas anteriormente quanto às pesquisas de Silva (2009) e Naujorks (2011).

Poderíamos, diante dessa trajetória protagonizada pelos pesquisadores para abordar a aquisição da linguagem, a leitura, a sintaxe da enunciação, perguntarmo-nos: o que lhes permite *passar* dos princípios benvenistianos ao contexto específico de cada pesquisa prospectiva proposta? Em outras palavras, o que permite operacionalizar a passagem dos princípios benvenistianos aos princípios de cada pesquisa prospectiva? Pensamos que seja a noção de *deslocamento*. O deslocamento parece configurar-se como um *operador* em pesquisas prospectivas[44].

44 Esse raciocínio é livremente inspirado no de Flores (2017a) acerca da *passagem* do axioma geral ao axioma específico na reflexão de Émile Benveniste. O autor explica que vê, no pensamento benvenistiano, dois axiomas que estão conectados à natureza antropológica da reflexão do linguista: o homem na linguagem, axioma de caráter geral; e o homem na língua, axioma de caráter específico. Este está contido naquele. Diante disso, Flores se pergunta a respeito de como *operam* esses axiomas, concluindo que é a noção de *significância* que permite passar do axioma geral ao axioma específico. Por isso, para Flores (2017a, p. 12), tal noção é um *operador*: "O operador por excelência de Benveniste é a significância".

Mas o que é um *operador*? Recorremos, mais uma vez, a Flores (2017a). O autor explica que entende "[...] o operador de uma teoria como o mecanismo que contém um modo de funcionamento; ele é um instrumento que exerce um modo de pensamento" (FLORES, 2017a, p. 12).

Valendo-nos dessa definição, consideramos que, no contexto das pesquisas analisadas, o *deslocamento*, de fato, comporta-se como um operador, porque ele é um *instrumento que exerce um modo de pensamento,* qual seja, o da reinterpretação dos princípios benvenistianos quando da proposição de trabalhos prospectivos. Como *mecanismo que contém um modo de funcionamento*, o *deslocamento* apresenta um *modus operandi* que implica os dois movimentos descritos por Flores (2013a), dos quais aqui livremente nos apropriamos: de um lado, é preciso identificar em Benveniste princípios que autorizariam abordar determinado fenômeno, princípios que podem ser ou não admitidos pelo linguista, devendo ser sinalizados os termos dessa admissão, quando for o caso; de outro lado, é preciso reinterpretar tais princípios no contexto do fenômeno eleito para pesquisa, elaborando uma perspectiva própria de abordagem do fenômeno. Sob esse prisma, o termo *deslocamento* assume também um *estatuto operatório,* configurando-se como um *mecanismo*, como um *instrumento que exerce um modo de pensamento*.

Desse conjunto de considerações decorre, portanto, o valor teórico-metodológico do *deslocamento* em pesquisas prospectivas. Reencontramos, enfim, a hipótese que mobilizou a escritura deste texto. Pensamos ter apresentado elementos que a sustentem.

Em síntese: o *deslocamento*, concebido como um ato de ressignificação dos fundamentos benvenistianos empreendido pelo leitor-pesquisador a fim de abordar determinado fenômeno, assume um duplo e simultâneo estatuto, *epistemológico* e *operatório*, do qual resulta o seu *valor teórico-metodológico* em pesquisas prospectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU DO PONTO DE CHEGADA

Se a leitura de um autor e a recepção de seu pensamento implicam não só desvelar "as potencialidades que ele tem de dar horizontes ao campo do qual ele mesmo se origina", mas também "produzir um saber prospectivo" (FLORES, 2017b, p. 31), pensamos que a formulação de *deslocamentos* contribui sobremaneira para esse "olhar para a frente".

A hipótese de que a noção de *deslocamento* tem valor teórico-metodológico em pesquisas prospectivas (KNACK, 2018) foi por nós tomada como ponto de partida para um percurso analítico em estudos do campo a fim de averiguar de que modo o termo *deslocamento* neles comparecia.

A partir dos empregos ilustrativos do termo, reunimos elementos que possibilitaram situar a noção de *deslocamento* como um ato de ressignificação dos fundamentos benvenistianos empreendido pelo leitor-pesquisador a fim de explorar determinado fenômeno, de modo a produzir um novo saber. Examinando o percurso para a formulação de deslocamentos, constatamos, de um lado, um rigor metodológico relativo à *demarcação da natureza epistemológica* dos fundamentos mobilizados – se existentes nos próprios textos benvenistianos, se formulados pelo pesquisador –, e, de outro lado, o estabelecimento de um *modus operandi* para tal formulação. Tais constatações nos levaram a conjecturar que o termo, empregado justamente para sinalizar esses movimentos, assume um duplo estatuto: epistemológico e operatório.

Embora os estudos aqui explorados estejam vinculados à visada enunciativa do *universo benvenistiano*, pensamos que as considerações esboçadas no que se refere ao termo *deslocamento* possam ser estendidas a outros domínios desse *universo*.

Isso porque, em síntese, a consideração da noção de *deslocamento* e seu duplo estatuto – epistemológico e operatório – dá a ver o seu *valor teórico-metodológico* em pesquisas prospectivas. Mais que isso, "[...] denuncia o protagonismo do pesquisador, na medida em que é este quem se responsabiliza pelo ato enunciativo que *ressignifica* o dizer de base do teórico de referência e a partir do qual deriva elementos [...]" (KNACK, 2018, p. 403, grifo da autora) para, na relação entre *teoria* e *fenômeno*, produzir um *novo saber*.

Retomando a epígrafe que inspirou este trabalho, se *cada leitor precisa encontrar sua forma de estar em/com Benveniste*, a proposição de *deslocamentos* parece ser uma dessas formas, e uma das mais inventivas. Há, como nos lembra Teixeira (2012a), várias vias de acesso ao *universo benvenistiano,* muitas delas ainda por serem descobertas. Que cada leitor descubra a *sua via* é um imperativo para as pesquisas prospectivas.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BARTHES, Roland. Escrever a leitura. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

BARTHES, Roland. Por que gosto de Benveniste. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

CREMONESE, Lia Emilia. *Um olhar enunciativo sobre a relação entre leitura e produção textual na universidade*. 2014. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

FARIAS, Bruna Sommer. *Do testemunho de uma experiência na linguagem para uma reflexão enunciativa sobre o fazer linguístico implicado em aprender e ensinar português como língua adicional*. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

FLORES, Valdir do Nascimento. Por que gosto de Benveniste? *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 127-138, jul./dez.2005.

FLORES, Valdir do Nascimento. Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação. *D.E.L.T.A.,* v. 29, n. 1, p. 95-120, 2013a.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013b.

FLORES, Valdir do Nascimento. As teorias enunciativas e a linguística no Brasil: o lugar de Émile Benveniste. *Antares*, vol. 8, nº. 15, jan/.jun. 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 13, n. 1, p.9-18, jan./abr.2017a.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil:* quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2017b.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidade de Émile Benveniste. *ReVEL*, edição especial n.7, p. 1-14, 2013.

JUCHEM, Aline. *Por uma concepção enunciativa da escrita e re-escrita de textos em sala de aula*: os horizontes de um hífen. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2012.

KNACK, Carolina. Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. *Desenredo* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 394-403, set./dez. 2018.

MACHADO, Verônica Pasqualin. *Princípios para uma abordagem enunciativa na aquisição de segunda língua.* 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

NAUJORKS, Jane da Costa. *Leitura e enunciação*: princípios para uma análise do sentido na linguagem. 2011. 153 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.

NORMAND, Claudine. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. *Letras de Hoje.* Porto Alegre, v.44, n.1, p.12-19, jan./mar. 2009a.

NORMAND, Claudine. Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica. *In:* FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). São Paulo: Contexto, 2009b.

NUNES, Paula A.; FLORES, Valdir do Nascimento. A especificidade da enunciação escrita em textos acadêmicos. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 235-252, jan./jun. 2012.

ONO, Aya. *La notion d'enonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem*: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem*: enunciação e aquisição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa. O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. *D.E.L.T.A.,* 34.1, 2018, p. 419-433.

TEIXEIRA, Marlene. "A linguagem serve para *viver*": contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, jul./dez. 2012a.

TEIXEIRA, Marlene. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges. *Enunciação e discurso:* tramas de sentidos. São Paulo: Contexto, 2012b.